



Relatos de trabalho e de vida dos Guias de Turismo das cidades de Ouro Preto, Tiradentes e São João Del Rei (MG)

Yuri Alexandre Estevão Rezende
Graduando em Turismo pela UFOP

Kaick Abreu Coletto
Graduando em Turismo pela UFOP

Kerley dos Santos Alves
Doutoranda em Psicologia pela PUC - Minas

Resumo: Os trabalhadores do Turismo exercem suas funções de forma diferenciada dos demais setores da economia, trabalhando em feriados e finais de semana, com longas cargas horárias e baixos salários. Por meio da abordagem qualitativa com a realização de entrevistas este artigo buscou entender e analisar a rotina de trabalho de um dos principais trabalhadores do Turismo: o Guia de Turismo. Desse modo, evidencia-se um discurso coletivo fruto do entrelaçamento dos relatos de trabalho, os quais evidenciam aspectos tanto da vida cotidiana quanto do ofício exercido por esse profissional.

Palavras-chave: Turismo - guia de turismo - trabalho

Abstract: The Tourism workers perform their duties differently from other sectors of the economy, working on holidays and weekends, with long working hours and low wages. Through the qualitative approach with interviews, this article sought to understand and analyze the work routine of a major workers Tourism: The Tourism Guide. Thus, there is evidence of a collective discourse result of the intertwining of labor reports, which show both aspects of daily life as the office held by that professional.

Keywords: Tourism – guide – work

Introdução

O desenvolvimento do Turismo no Brasil se intensifica a partir do fim da década de 1980, esse período demarca também, uma mudança nas relações de trabalho ocasionadas pela dinâmica neoliberalista que moldou as relações de trabalho. No início do século XXI, destacam as propostas de: reestruturação produtiva, privatização



acelerada, enxugamento do estado, políticas fiscais e monetárias, sintonizadas com os organismos mundiais de hegemonia do capital como Fundo Monetário Internacional (ANTUNES, 2000, p. 40). É, por conseguinte, um período em que a informalidade no trabalho, ganha novos contornos em meio às transformações econômicas e institucionais, cujo enfoque está na desregulamentação dos mercados. Altera-se também a perspectiva analítica da questão da informalidade, Tavares (2015, p.40) argumenta acerca dessa questão, para a autora “até os anos 1980, o que se compreendia como atividade informal era o trabalho independente, sem articulação direta no processo de acumulação capitalista”, entretanto se estende sob o signo da flexibilidade. Com essas mudanças nas empresas, o trabalhador formal é lançado deste lugar e, posteriormente, resgatado na informalidade, com as mesmas demandas e sem nenhuma garantia social. Contudo, os setores trabalhistas mais tradicionais conseguiram amenizar as intervenções dessa nova ordem econômica por meio da sindicância. Os mais afetados pelas regras neoliberais foram então, os setores do trabalho informal e o de serviços (MONTAÑO, 2002). O turismo se insere nesse cenário de mudanças e, desse modo, a organização do trabalho e os seus trabalhadores são regidos através das regras neoliberais (MELO; FÉLIX; CONCEIÇÃO, 2012). Os trabalhadores da atividade turística, principalmente, os guias de turismo, atuam, por vezes, de forma informal e são afetados pela ausência de proteção da legislação trabalhista e benefícios sociais garantidos aos profissionais formais. Vivem sob o espectro da informalidade, da desvalorização das suas funções, dos baixos salários, da rotatividade, em suma, da precarização do trabalho (CAVALCANTE; COSTA, 2011). Esses profissionais, de modo geral, ocupam empregos temporários, suas funções muitas vezes são exaustivas, o retorno financeiro é relativamente baixo e as benesses pessoais são mínimas. Tal fato é responsável por gerar muitos problemas na vida desses trabalhadores, chegando a afetar até mesmo a saúde destes.

Por conseguinte, o objetivo deste trabalho foi conhecer e analisar o significado e a realidade do trabalho na percepção dos guias de turismo que trabalham e residem em três cidades turísticas mineiras: Tiradentes, São João Del-Rei e Ouro Preto. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com 7 guias de turismo: 3 guias do



município de Ouro Preto, 1 de Tiradentes e 3 de São João Del Rey¹, a abordagem dialógica permitiu que os entrevistados explicitassem livremente sua história de vida e trabalho. Em média, as entrevistas duraram 1 hora. Embora não tivesse determinado um tempo fixo para sua realização, esse período de uma hora foi suficiente para a realização de entrevistas em profundidade, que propiciaram momentos de retrospectiva histórica, de elucidação e de apreensão quanto às trajetórias de trabalho e de vida, por meio das lembranças utilizadas para a construção das narrativas. A partir das entrevistas, foi realizada a Análise de Conteúdo.

A profissão de Guia de Turismo no Brasil

O turismo, considerado por muitos estudiosos como um fenômeno da modernidade, foi marcado pela viagem do empresário Thomas Cook que em 5 de julho de 1841 fretou a primeira viagem em larga escala em um trem com 570 pessoas, reproduzindo assim um conceito novo para a atividade turística: o agenciamento, ou seja, a intermediação dos serviços de transporte, acolhimento e hospitalidade (BARBOSA, 2002; BRAGA, 2008). A partir deste momento, deu-se início não somente a uma nova forma de lazer, mas também o surgimento de novas profissões que ascenderam de acordo com o desenvolvimento da atividade, dentre elas, o aparecimento do Guia de Turismo.

Segundo Canani, há indícios da presença de guias de turismo que antecedem o século XIX. Fundamentando-se na citação do Serviço Nacional de Aprendizagem, a autora sugere que o guiamento teve origem antes mesmo do turismo ter sido desenvolvido da forma que conhecemos hoje.

Historicamente têm-se notícias que na época dos turistas romanos que procuravam lugares históricos e religiosos, costumavam visitar templos gregos, iam ao Egito para visitar as Pirâmides, a Esfinge e o Vale dos Reis, como fazem os turistas atuais. Também, naquela época havia atrativos turísticos; alguns sacerdotes ensinavam os crocodilos sagrados a aparecer quando eram chamados e abrir as bocas para mostrar os aguçados dentes aos turistas. Já naquela época os turistas queixavam-se das condições das pousadas, de alguns guias, e muitos deixavam seus nomes gravados nos

¹ Agradecemos a Tiago Motta Campos, discente do Curso de Turismo da UFOP, por colaborar com este trabalho cedendo o material coletado em duas entrevistas para serem analisadas.



monumentos (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, 1993)
(CANANI, 1999, p. 96).

Até então, os guias eram trabalhadores informais, que utilizavam da interpretação do patrimônio e reprodução de contos, não havendo a profissionalização do ofício até o final do século XX. Através da lei de Nº 8.623, de 28 de janeiro de 1993, decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo Presidente da República, se regulamentou a profissão de Guia de Turismo no Brasil. A partir desse ato, exerceu-se a garantia de direitos e deveres a este profissional.

O Guia de Turismo é uma das profissões de maior importância dentro da área, devido ao fato de ser o profissional que vai ter contato direto com os grupos de turistas e lhes apresentar o destino. Além disso, o guia trabalha não somente com história factual. Ele utiliza não somente de informações de pesquisas, mas também de contos, lendas, história oral e mitificação de fatos, se tornando assim um propagador de cultura e conhecimento para além do científico. De acordo com Barreto “o sucesso de uma atividade turística depende da qualidade de seus equipamentos, dos prestadores de serviço e da interação entre os elementos componentes” (BARRETO, 1995). Para além, segundo Canani, “o guia de turismo é partícipe de um processo complexo” (CANANI, 1999, p. 96). Tem por meta encaminhar e orientar as pessoas e tem obrigações, uma vez que o turismo, nos dias de hoje, buscando a obtenção de qualidade, determina as ações. Assim sendo, é preciso oferecer, proporcionar e satisfazer as necessidades de prazer buscadas pelo turista, em uso de seu tempo livre. O profissional necessita demonstrar toda sua capacidade, criatividade, responsabilidade que cabem em processos de tal natureza.

Com o passar dos anos, após a regulamentação da profissão, foram aprimoradas algumas questões ligadas tanto ao exercício quanto à formação da tal. Hoje é exigido o cadastro no Ministério do Turismo na plataforma Cadastur de todos os guias de turismo com o intuito de ter maior controle de qualidade sobre os serviços prestados. Entretanto, existem alguns pré-requisitos que antecedem o cadastro. São elucidadas condições necessárias para o Guia de Turismo exercer legalmente a profissão de acordo com o decreto 946 de 1993 em seu artigo 5º que descreve:



Art. 5º O cadastramento e a classificação do Guia de Turismo em uma ou mais das classes previstas neste decreto estará condicionada à comprovação do atendimento aos seguintes requisitos:

I - ser brasileiro ou estrangeiro residente no Brasil, habilitado para o exercício de atividade profissional no País;

II - ser maior de dezoito anos, no caso de guia de turismo regional, ou maior de 21 anos para atuar como guia de excursão nacional ou internacional;

III - ser eleitor e estar em dia com as obrigações eleitorais;

IV - ser reservista e estar em dia com as obrigações militares, no caso de requerente do sexo masculino menor de 45 anos;

V - ter concluído o 2º grau.

VI - ter concluído Curso de Formação Profissional de Guia de Turismo na classe para a qual estiver solicitando o cadastramento.

§ 1º As entidades responsáveis pelos cursos referidos no inciso VI, deste artigo, deverão encaminhar, previamente no início de sua realização, os respectivos planejamentos curriculares e planos de curso, para apreciação da Embratur.

Além disso, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) oferece, anualmente, cursos de formação que se diferenciam por:

Guia de Excursão - Atividades que compreendem o acompanhamento e a prestação de informações e assistência, em caráter permanente a grupos de turistas, em suas viagens e deslocamentos entre diferentes localidades integrantes do programa de excursão, para o atendimento dos roteiros ou itinerários turísticos, previamente estabelecidos, de âmbito nacional ou internacional.

Guia Especializado - Atividades que compreendem especificamente a prestação de informações técnicas especializadas relativas a:

- determinado tipo de empreendimento ou atrativo turístico natural;

- determinados tipos de roteiros turísticos de cunho cultural, econômico, desportivo, técnico-profissional ou similar, inclusive roteiro hidroviário (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, 1993).

Todavia, tendo em vista o processo de trabalho factual, Canani pondera que se exige muito do Guia de Turismo, que deve ser criativo e saber lidar com os diferentes tipos de público (CANANI, 1999). Além de terem que desenvolver habilidades comunicacionais a fim de melhorar o atendimento e habilidades físicas que propiciem aguentar as caminhadas, o que acaba interferindo na saúde física e mental deste profissional. Tal fato será tratado mais a frente, levando em considerações as entrevistas realizadas e os resultados conseguidos através da análise dos relatos.

Relatos de trabalho e de vida dos Guias de Turismo das Cidades de Ouro Preto, Tiradentes e São João Del-Rei (MG)



Nossa pesquisa investigou e captou os principais pontos comuns e os mais divergentes nos discursos dos entrevistados para que, pudéssemos traçar assim, uma análise conjunta e mais profunda sobre o trabalho de Guia de Turismo nos três destinos turísticos pesquisados. Portanto, não vamos aqui subdividir os discursos referentes a cada cidade, mas sim somá-los e analisá-los em conjunto, de modo a dinamizar a leitura e a compreensão do que será exposto.

O trabalho humano é, por vezes, compreendido como uma vocação, isto é, o sujeito nasceria predisposto a exercer certas funções, trabalhos e atividades, e caso abdicasse de seguir esse caminho espiritual/natural, não alcançaria satisfação em outras atividades. Thiry-Cherques a partir da sua interpretação da obra de Weber “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*”, analisa como a religião contribui para a construção do discurso do trabalho enquanto vocação divina/natural:

No protestantismo, graças à tradução que Lutero faz do Eclesiastes, a noção de vocação ganhou o sentido de profissão, de ofício. O título da obra seminal de Weber tanto pode ser entendido como “a política como profissão” ou “a política como vocação” (THIRY-CHERQUES, 2009, p. 909).

Contudo, Thiry-Cherques salienta ainda que, após a ascensão burguesa e das modificações nas relações produtivas ocasionadas pelo capitalismo, “a vida de trabalho perdeu a memória de vocação: deixou de ser um mandamento divino. Não há uma estrutura racional preexistente, natural”. E acrescenta além que “o trabalhador é forçado a uma escolha que, no mundo desencantado, nem a religião nem a ciência podem informar” (THIRY-CHERQUES, 2009, p. 910). No entanto, em algumas profissões como a enfermagem, o discurso da vocação ainda é presente e operante (RODRIGUES, 2001). Nota-se, nesses casos, um determinismo natural/espiritual que estabelece um rumo a seguir, um destino, ligando vida, trabalho e religião. Ora, seguindo tal premissa, até mesmo a nossa profissão já está posta? Talvez, se essa pergunta fosse feita aos guias, a resposta de boa parte deles seria afirmativa. Mesmo porque, nos discursos de alguns dos guias, percebemos que a noção de vocação está engendrada, eles acreditam que sua profissão foi naturalmente escolhida devido a sua essência vocacional.



“é uma profissão que já vem desde criança né, desde o berço. A gente já nasce pra isso!” (Jorge - São João Del-Rei).

“comecei na hotelaria né... e é o que está em mim, o que eu sei fazer, entendeu o que eu sei fazer... é trabalhar no turismo, trabalhar no receptivo. Não só com o turismo... com o turista nacional né... do Brasil, mas como estrangeiros também né... então eu escolhi essa profissão porque realmente se adequou ao meu perfil.” (Mateus - Ouro Preto)

Entretanto, foi notório também outro discurso coletivo semelhante: muitos constroem em sua fala a concepção de que seu ofício é hereditário, ou seja, o sujeito percorre o caminho profissional do ambiente familiar no qual está inserido, seguindo assim, a profissão dos seus pais, e o ofício é passado de geração a geração.

“Minha família toda mexe com isso, e também tenho dois cursos, pra atender o turista, e a outra é tipo uma carteira pra charrete...” (Pedro - Tiradentes).

Indo além, Savickas (2008) traz a discussão à construção da “relação homem-trabalho”, ligando desse modo, de forma intrínseca, vida e a atividade de trabalho. Nessa mesma perspectiva, no discurso dos guias, vida e trabalho se confundem e completam.

“Minha vida é uma vida... Criei minha família, meus filhos e meus netos com essa indústria que é turismo” (Mateus - Ouro Preto).

“Ah um meio de vida né... é um meio de vida que a gente já nasce pra ele, então é um meio de vida! Eu vivo dele né!” (Jorge - São João Del-Rei)

“Também sempre tive vontade de estar nessa área e hoje não sinto como uma profissão e sim faz parte da minha vida diretamente.” (João - São João Del-Rei).

“Eu me sinto bem, me sinto a vontade, porque acostumado desde pequenininho né, a conversar com as pessoas, é bom né... como se estivesse conversando com amigo... mesma coisa que estivesse me perguntando um amigo alguma coisa, vou contando, mesma coisa, normal... (Pedro - Tiradentes).

Quando o assunto é qualificação profissional, os guias enfatizaram em suas falas os cursos e as especializações que possuíam. Esse fato os deixava mais seguros de si, em relação ao entrevistador, afinal para eles os cursos eram a prova de sua eficiência. Interessante que esse posicionamento é notado em profissões que são, de modo geral, desvalorizadas pela sociedade. Nas profissões ditas tradicionais, como médico, advogado, engenheiro, não é necessário explicitar as especializações que o sujeito possui para se sentir seguro e apto a atividade que exerce, basta apenas deixar claro o



curso superior que possui. Ademais, a exaltação dessas especializações por parte dos guias demarca também que, mesmo possuindo qualificação profissional, a informalidade e falta de apoio faz com que qualquer pessoa possa exercer suas funções.

“Então, eu entrei como condutor na associação de guias que tem hoje, depois surgiu a oportunidade de estar formando pelo governo federal no IFET como guia de turismo [...]” (João - São João Del-Rei)

“Ai na década de 80 pra cá que a gente passou por cursos pela UFMG, pela UFOP mesmo, cursos de 6, 7 meses pela FAOP, tá?” (Felipe - Ouro Preto)

“[...] quando foi em 2007, nós... é... fui nos oferecido a fazer é... é... diante ai de uma associação que houve uma parceria que houve da associação das cidades históricas de Minas Gerais, junto com o Ministério público e a prefeitura de Ouro Preto, não só daqui, mas de outras cidades em fazer para quem já tinha o curso médio... ensino médio né... foi escolhido para fazer, foi oferecido para fazer o curso técnico. Então como eu já tinha ensino médio, gostava... já falava idioma, então fui... ai eu fui e fui escolhido para fazer, ai eu fiz pós-médio e formei em técnico [...]” (Lucas - Ouro Preto)

“e também tenho dois cursos, para atender o turista, e a outra é tipo uma carteira pra charrete...” (Pedro - Tiradentes)

Outro discurso coletivo encontrado nas falas dos guias explicitou a necessidade que eles sentiam de apoio do poder público. Todos reclamaram da falta de auxílio por parte das prefeituras das cidades em que trabalham, sendo isto uma das principais dificuldades encontradas no desempenho das suas funções.

“falta de apoio que nós num temos né, seria secretaria de turismo, seja da prefeitura, da parte do governo né (eles?) não dão apoio pra gente à dificuldade nossa somos essa.” (Jorge - São João Del-Rei)

“Assim a falta de apoio né... é a gente bem dizer se viramos sozinhos né... é como o filho que perdeu o pai e a mãe, a maioria dos guias estão nessa até hoje porque gostam mesmo.. mas o apoio assim do município, publico é... é pouco que eles fazem né, agora que de uns anos pra cá que deu uma melhorada. Mais a gente se vira nos trinta né...” (Mateus - Ouro Preto)

“Dificuldades é o que disse ne, não tem salário fixo, a gente tem que pagar o nosso INPS por conta própria, não tem nenhum apoio do município ne.” (Felipe - Ouro Preto)

“Falta de apoio da secretaria de Turismo, da Prefeitura, das irmandades, há má sinalização”. (Samuel - São João Del-Rei)

No tocante a saúde desse trabalhador os seus discursos foram simétricos. Na percepção dos guias entrevistados sua profissão e suas funções não prejudicam a sua saúde, muito pelo contrário, alguns disseram que por terem que caminhar e por conhecer pessoas novas todos os dias, a saúde deles até melhoraram. Entretanto, alguns



disseram que tem dias que a atividade é cansativa, mas mesmo assim, todos os entrevistados afirmaram estar saudáveis.

“É... na verdade, na verdade assim... é cansativo né... mas a meu ver não influencia em nada na minha saúde, apesar de eu já ter 56 anos, para mim é uma terapia, é uma caminhada boa, porque eu estarei assim proporcionando algo melhor para minha saúde... ta caminhando, esta conhecendo novas pessoas, e isso é muito bom também, fazer a integração entre a minha pessoa e outras pessoas do mundo todo que eu conheço, para mim a minha saúde num influencia em nada não.” (Lucas - Ouro Preto)

“Bom, eu vou fazer 53 anos na verdade e minha saúde é.. a cidade é uma academia natural né, subindo e descendo, eu fumei mais de 25 anos, mas tem dia que a gente pega um servicinho meio estressante e tal né... mas eu já fiz um check up e to bacana.” (Mateus - Ouro Preto)

“Não, pra mim não, mas tem pessoas ai que tem problema de pressão, estressa por qualquer coisa ne. Eu no meu caso não porque sou bem tranquilo, eu se num arrumar trabalho nenhum eu vou pra casa.” (João - São João Del-Rei)

“minha saúde é normal... eu acho mais legal porque a gente trabalha com pessoas diferentes, cê não enjoa da pessoa no caso, você tá sempre com pessoas diferentes, não tem rotina, a rotina são os pontos, mas os pontos são bonitos, são agradáveis, no caso ninguém me amola, a gente faz um passeio tranquilo pela cidade”. (Pedro - Tiradentes)

“Notória, opção de tur a pé, o contrato com o ar puro, com a natureza, isso é qualidade de vida”. (Samuel - São João Del-Rei)

Sinteticamente, notamos que todos parecem se sentir bem e satisfeitos com sua profissão. Seu ofício é exercido em meio às adversidades e dificuldades que enfrentam, consequência da falta de apoio público e desvalorização. Porém, apesar dessa realidade, eles sentem prazer no exercício de suas atividades de trabalho. Fato comum em seus discursos quando perguntados como se sentem em relação ao seu trabalho.

“Eu gosto, gosto muito. Muito feliz.” (Jorge - São João Del-Rei)

“Então eu sinto é o prazer... eu costumo falar com meus grupos, com meus clientes que eu... que eu faço mais pelo prazer mesmo, claro que nós cobramos uma taxa, mas eu tenho prazer de mostrar nossa arquitetura, nossas igrejas, inclusive nós temos em Ouro Preto a... o segundo monumento religioso mais importante do Brasil né... que é basílica agora de Nossa Senhora do Pillar, então eu faço com muito gosto e com muito entusiasmo até (risos).” (Lucas - Ouro Preto)

“Muito feliz.” (Mateus - Ouro Preto)

“É um tipo de trabalho que eu gosto ne. Aquilo que eu respondi anteriormente. Eu gosto de conhecer as pessoas e também é pelo gostar da história local ne.” (Felipe - Ouro Preto)

“Me sinto gratificado, é algo que eu faço que eu gosto”. (Samuel - São João Del-Rei)



“Eu me sinto bem, me sinto a vontade, porque acostumado desde pequenininho né, a conversar com as pessoas, é bom né... como se estivesse conversando com amigo...” (Pedro - Tiradentes)

Além de muitos dos entrevistados alegarem estarem felizes com seu trabalho, declararam também o prazer em passar para os turistas informações referentes à cultura, história e formação de suas cidades. Durante as falas dos entrevistados, é perceptível o fato de que eles se sentem orgulhosos de serem agentes propagadores de conhecimento e terem total atenção durante os roteiros realizados.

“É que isso aí é porque a pessoa volta ao passado né... Então reconhecimento nosso é esse! É passar aquilo que nos aprendemos para as pessoas.” (Jorge - São João Del-Rei)

“O acho que pra gente sentir felicidade, não precisa ter dinheiro não. Você é feliz quando você faz aquilo com amor, passa aquilo e é bem recebido pelas pessoas, então quando a gente trabalha com um grupo e final de serviço naquele cansaço físico, mais a cabeça esta feliz e você conseguiu realizar aquele dia de trabalho com elas famílias, aquelas pessoas, e eles sentiram felizes, pediram seu endereço, pediram seu contato, então e bateram uma palma pra você, é tudo!” (Mateus - Ouro Preto)

[...]então a importância que eles agregam muito conhecimento, eles agregam muito conhecimento muito e levam para lá o conhecimento. Então eles têm que prestar bem atenção em mim, então eu me sinto muito honroso em as pessoas voltarem para suas cidades com aquele conhecimento grande que eles adquiriram com a minha explanação, com o meu trabalho... “Então eu sinto muito honrado com isso aí.” (Lucas - Ouro Preto)

“Ah a gente leva muito conhecimento para as pessoas. É..., pessoas de outros locais que vem interesse realmente da história contrata o serviço de uma pessoa da cidade, porque se um turista contratar o serviço de um guia de BH, o que ocorre aí de Sabará, o cara não conhece não conhece a história da cidade como o cara de Ouro Preto mesmo ne.” (Felipe - Ouro Preto)

“todos os lugares a gente sabe a história toda de cada ponto...” (Pedro - Tiradentes)

“queria ser professor, mas não pude, assim posso ensinar, me sinto gratificante, a pessoa sai com conhecimento...” (Samuel - São João Del-Rei)

Com a regulamentação do exercício da profissão de Guia de Turismo, foram criados sindicatos destes profissionais com o objetivo de garantir e lutar pelos direitos trabalhistas e por melhores condições de trabalho, dando à categoria uma representatividade política e trabalhista (CARDOSO; GUZMAN, 2011). Por



consequente, alguns dos guias entrevistados mensuraram a importância da filiação aos sindicatos, o que garantia para eles maior credibilidade.

É importante porque ter uma pessoa só é difícil pedir o que se necessita, agora um grupo de associados vai ser bem diferente em relação ao mais uso desse curso e conseguir coisas do tipo verbas ou uniforme para os associados. (João - São João Del-Rei)

“No caso essa charrete pertence à prefeitura né, tudo cadastrado tudo registrado tem um acompanhamento dos animais, todo ano paga tipo um imposto, é... a prefeitura cobra pra cuidar pra manter a cidade mais limpa, cobra o tratamento dos animais, esse lado eu acho até legal da parte dela, pode ver que são todos animais muito bem tratados...” (Pedro - Tiradentes)

Por outro lado, alguns entrevistados não consideraram importante tal filiação, alegando que em suas cidades eles não viam ações realizadas pelos sindicatos.

“Não, não sou sindicalizado. Não sou. Assim, já me ofereceram várias vezes para me sindicalizar no sindicato em Belo Horizonte, Av. Afonso Pena tá... Mas ainda não me interessei a sindicalizar não. Olha, assim a participação deles eu num.. num... eu desconheço porque nunca me beneficiou em nada não... viu, assim, eu to falando grosso modo, nunca me beneficiou a nada né... mas lá em Belo Horizonte lá os guias são sindicalizados mas eu não me interessei em ser sindicalizado, porque a meu ver não vai fazer diferença nenhuma na minha vida profissional.” (Mateus - Ouro Preto)

“O sindicato, e o sindicato só recebe a nossa mensalidade e nem vem aqui conhecer a gente, num tem um dialogo direto com a gente não, então eu, sinceramente, pago porque eu gosto de tá dentro da lei, mas não da vontade nem de ser sindicalizado não.” (Lucas - Ouro Preto)

“Ah já foi melhor viu. Já foi melhor. Só que hoje em dia, é igual vou te dizer, num tem nenhum apoio ne. Então a gente tem que lutar com o que tem ne.” (Felipe - Ouro Preto)

“inexistente, por incompetência, a administração não tem interesse nem conhecimento”. (Samuel - São João Del-Rei)

Em síntese, os guias de turismo entrevistados nas cidades turísticas de Ouro Preto, Tiradentes e São João Del Rei demonstraram a construção de um discurso coletivo, ou seja, os conteúdos discursivos se entrelaçaram em simetria tanto nos aspectos profissionais do seu trabalho tanto nos relatos de sua vida, este último, entretanto, com suas particularidades mais evidentes. Nesse sentido, podemos falar talvez de um discurso comum, ou melhor, de um discurso da profissão de guias de turismo nessas cidades, que mesmo com algumas singularidades resumem as condições de trabalho destes profissionais. Tal perspectiva abre caminho para pensar essa mesma



relação de equidade nos discursos dos guias e ampliar a investigação para as demais cidades brasileiras.

Considerações finais

Pensar o trabalho no contexto atual requer, fundamentalmente, analisar o impacto das ideias liberais e neoliberais incorporadas nas relações trabalhistas por meio do sistema capitalista. Mais ainda, em profissões do setor turístico, que dado o seu desenvolvimento recente no Brasil são influenciadas pelas características do modelo neoliberal de trabalho: rotatividade, terceirização, flexibilização dos direitos trabalhistas e informalização.

No caso dos Guias de Turismo essa realidade não é diferente. Uma profissão ainda pouco representada no país, por órgãos e associações e que, como ainda relatado pelos próprios entrevistados, não exercem suas funções representativas de forma eficiente. Além disso, a carga horária de trabalho, muitas vezes, é extensa, sendo que a maior parte do tempo estes profissionais trabalham em pé ou percorrem longas caminhadas. Esses, dentre outros fatores, tornam a profissão de guia de turismo bastante desgastante.

Construir um discurso coletivo foi um desafio, afinal cada sujeito apresenta subjetividades. Entretanto, de modo geral, através da pesquisa percebeu-se, dentre os guias entrevistados, um discurso coletivo construído e reproduzido. Por atuarem em cidades de cunho turístico semelhantes, estes os profissionais envolvidos na pesquisa possuem uma realidade compartilhada do seu trabalho e exercícios de suas funções.

Interessante notar que mesmo com muitos problemas relativos à formalidade e reconhecimento profissional dos guias entrevistados, eles mostram-se contentes com o exercício de sua profissão. O que não permite concluir que esses problemas não devem ser resolvidos, ou que esse profissional não mereça os mesmos direitos trabalhistas que qualquer outro trabalhador do setor formal. Mas que, talvez, por também reproduzirem o discurso da vocação, eles tendem a se sentirem realizados enquanto guias de turismo; são guias “por vocação” e não se veem em outras profissões.

A questão do reconhecimento da profissão por órgãos do Estado é constantemente pontuada por partes dos guias. No entanto, alguns também lançam



críticas aos sindicatos dos quais são filiados. Nesse sentido, qual é o meio para que esses profissionais lutem por reconhecimento e tenham seus direitos assegurados e os problemas que enfrentam resolvidos? Há aqui uma dicotomia, enquanto muitos trabalhadores se organizam em sindicatos e associações a fim de que através delas eles possam garantir melhorias nas suas condições de trabalho, ao que parece, os guias não possuem a mesma concepção. Pode-se pensar, desse modo, uma ideia neoliberal presente operando na relação guia de turismo e associação, ou seja, ao minar a confiança dos guias nos sindicatos, por conseguinte, tendem a minar também as frentes de lutas destes profissionais.

Pode-se dizer, ainda, que exista uma singularidade entre os guias entrevistados que não seja encontrada nesses profissionais de outras cidades brasileiras. Trata-se da questão em que eles se colocam como sujeitos que contam e preservam as histórias e mitos das suas cidades. Isso se deve talvez ao fato de que a realidade sócio histórica e o próprio segmento de turismo de Ouro Preto, Tiradentes e São João Del-Rei se desenvolva a partir do patrimônio cultural e histórico e da história do período colonial da exploração aurífera nestas terras. O que contribui para que os guias da região se coloquem como contadores e perpetuadores do que poderíamos chamar, da história de Minas, logicamente, não se trata da mesma história pesquisada e discutida por pesquisadores e historiadores, mas de uma história oral mitificada e antagonica.

Outro ponto, essencial neste artigo é o impacto do exercício da profissão na saúde do trabalhador. Se em outras profissões do setor turístico como os da área de hotelaria, há um número considerável de trabalhadores, que sofrem de problemas de saúde decorrentes das suas atividades. Isso, dentre os entrevistados não foi observado, ainda que sintomas relativos à Síndrome de Burnout sejam característicos nesta categoria profissional. Em contrapartida, muitos alegam que o seu trabalho acaba contribuindo para a sua saúde; caminhar, a comunicação, a relação com pessoas diversas, são fatores que eles elencaram como pontos positivos e que influenciam na sua qualidade de vida e saúde.

Por fim, este artigo abre caminho para que outras abordagens e discussões sejam elaboradas, há ainda, nos meandros desta profissão, questões relativas à violência, uso



de drogas e a marginalização social e trabalhista que merecem aprofundamento e discussões em novas oportunidades.

Referências Bibliográficas:

ANTUNES, R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G, **A cidadania negada: Política de exclusão na educação e no trabalho**. Coleção Grupos de Trabalho, CLACSO. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

BARBOSA, Y. M. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do Turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

BRAGA, D. C. (Org.). **Agências de viagens e turismo. Práticas de mercado**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

CANANI, Ivani Selva S. **Guia de Turismo: o Mérito da Profissão**. Turismo em Análise, São Paulo, IO (1): 92- 106, maio 1999.

CARDOSO, Rodrigo Eduardo Rocha; GUZMAN, *Sócrates Jacobo Moquete*. *Guia de Turismo: qualificação, legalização e penalização das infrações e irregularidades no exercício da profissão*. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIV, n. 93, out 2011. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?artigo_id=10457&n_link=revista_artigos_leitura> Acesso em 04 nov. de 2015.

COSTA, Jean Henrique; CAVALCANTE, Sara Alexandra dos Santos. A canoa furada: condições e relações de trabalho no setor de hospedagem em Canoa Quebrada (CE). **Caderno Virtual de Turismo**, v. 11, n. 1, 2011.

MELO, William; FÉLIX, Jonathan; CONCEIÇÃO, Jonas. *As metamorfoses do trabalho no setor turístico*. In: VII COLÓQUIO INTERNACIONAL MARXENGELS, 1., 2012, Campinas. Anais eletrônicos... Campinas: UNICAMP, 2012, p. 1 – 12. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/5942_Lopes_Jonathan.pdf>. Acesso em: 21 set. 2015.

MONTAÑO, C. E. *O projeto neoliberal de resposta a “questão social” e a funcionalidade do terceiro setor*. Ver Lutas Sociais. 2002; (8): 53-64.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Subchefia para assuntos Jurídicos*. Decreto Nº 946, de 1º de Outubro de 1993. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D0946.htm>. Acesso em Nov. de 2014.



RODRIGUES, R. M. *Enfermagem compreendida como vocação e sua relação com as atitudes dos enfermeiros frente às condições de trabalho*. Rev. Latino- AM Enfermagem, v. 9, n. 6, p. 76-82, 2001.

SAVICKAS, M. . **History of the guidance profession**. Em J. Athanasou & R. Van Esbroeck (Eds.), *International handbook of career guidance* (p. 97-113). New York: Springer Science, 2008.

SIQUEIRA, L. B.; ALENCAR, O. L. G.; AQUINO, C. A. B. *Atividade humana: compreendendo a trajetória do trabalho na contemporaneidade*. Revista de Psicologia, Fortaleza, jan./jun. 2012, p. 80-93.

TAVARES, M. Augusta. *O trabalho informal e sua suposta autonomia: uma modalidade flexível de exploração*. Revista Direitos, Trabalho e política social, v. 1, n. 1, p. 39-58, 2015.

THIRY-CHERQUES, H. R. *Max Weber: o processo de racionalização e o desencantamento do trabalho nas organizações contemporâneas*. Revista de Administração Pública, 897-918 julho-agosto, 2009.